



Localizado na 703/903 Sul, o prédio do IHGDF funciona quase como um museu, reunindo peças que contam a trajetória de JK à frente do DF

Testemunho vivo da história da capital

\ Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal completa 45 anos e abre as portas descortinando material que registra momentos cruciais da formação de Brasília

» ELISA TECLES

Em quase meio século, o Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal (IHGDF) acumulou centenas de lembranças da construção de Brasília. São fotografias, documentos e livros, muitos deles datados das décadas de 1950 e 1960. O IHGDF acaba de completar 45 anos e comemorou a data com uma reunião entre pioneiros, políticos e personalidades da capital na noite de ontem. O tema escolhido para o encontro foram os 45 anos da cassação do ex-presidente Juscelino Kubitschek. O escritor e jornalista Carlos Heitor Cony falou aos presentes sobre a trajetória de JK.

Em 8 de junho de 1964, JK perdeu os direitos políticos e começou a se preparar para deixar o país. Com a ajuda do atual presidente do IHGDF, coronel Affonso Heliodoro, Juscelino viajou rumo a Paris. Na época, JK estava de olho na campanha para as eleições de 1965, mas o golpe militar acabara de mudar os rumos do país. "Cassaram o maior brasileiro que esse Brasil já teve. Ele fez a capital mais moderna do mundo e deixou o país em pleno desenvolvimento", disse Heliodoro.

Juscelino está entre os mais ilustres homenageados. O coronel Heliodoro administra o acervo e os projetos do IHGDF, criado em 3 de junho de 1964 para preservar a história da capital. Só 13 anos depois, o instituto viria a

concluir a obra do prédio que ocupa até hoje, na 703/903 Sul. Na época, houve um concurso para escolher o projeto do prédio e o vencedor foi o arquiteto Milton Ramos.

Cerca de 100 pessoas fazem parte do instituto. São geógrafos, historiadores e intelectuais que defendem o projeto original de Brasília. O patrono do grupo é Juscelino Kubitschek, nome escolhido ainda na década de 1960.

Nos anos 60, o acervo do instituto já passava de dois mil objetos, documentos e fotografias. Entre os destaques, havia a cadeira de onde o presidente JK assistiu à primeira missa e uma arca de madeira usada na Missão Cruls para guardar mapas. Os visitantes também podem conhecer o jipe Maracangalha, que serviu à Novacap e transportou JK. Há ainda uma réplica da fachada de uma antiga casa de JK e roupas usadas por ele.

O jornalista e vice-presidente do IHGDF, Jarbas Marques, trabalha pela preservação da memória de Brasília desde a época da inauguração, em 1960. Ele fazia reportagens sobre a mudança da capital, criticada por diversos setores naquele tempo. A participação de Jarbas em ações do IHGDF começou nos anos 60, e há pouco mais de 10 anos ele passou a integrar o grupo oficialmente. "O instituto é uma luta de pessoas envolvidas na educação e preservação da história e da geografia da capital", comentou.

{ ENTREVISTA } CARLOS HEITOR CONY

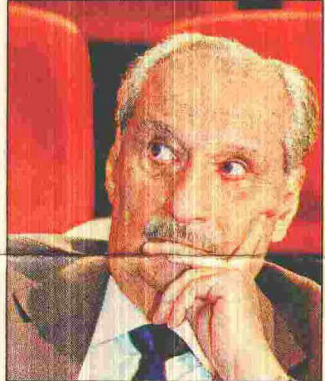
A convivência do senhor com JK começou na Manchete?

Eu entrei na revista já para trabalhar no projeto JK, porque estavam em processo as memórias dele, mas precisava de um texto final, de um editor de texto final. Então, o Adolpho Bloch, dono da Manchete e editor das memórias, me chamou e me apresentou a JK. Foi quando eu o conheci, em 1969. Antes disso, não conhecia JK. Trabalhei com ele de 69 a 76, até a morte dele. Nos tornamos amigos. Eu já o admirava e passei a admirá-lo mais ainda. Quando eu conheci JK, ele já tinha sido presidente da República, já tinha feito Brasília. Já tinha feito uma revolução pacífica no Brasil. Ele mexeu com a vida de todos os brasileiros, inclusive com a minha. A classe média brasileira ressurgiu depois de JK. Tivemos acesso aos carros nacionais, às estradas. Agora, de qualquer maneira, em 68 veio o Ato Institucional 5 — em 13 de dezembro de 68. Eu fui preso nesse dia e JK foi preso no dia seguinte.

JK morreu sem ver a volta da democracia no Brasil. A luta dele contribuiu para a retomada?

É um lugar-comum da história dizer que a redemocratização começou com o enterro de JK. É preciso ver que, quando ele morreu, o governo ficou muito temeroso de considerar aquilo um fato nacional. Só decretaram luto oficial depois do meio-dia do dia seguinte. Havia um medo muito grande de que o povo tivesse uma reação. Agora, apesar de o governo se omitir, o povo se mani-

Zuleika de Souza/CB/D.A. Press



festou. Tanto no Rio quanto, principalmente, em Brasília. Aí realmente foi a primeira manifestação livre que o povo teve depois da ditadura. Nesse, em particular, pode-se dizer que a morte de JK foi o início da redemocratização do Brasil.

Se não tivesse havido a cassação, até onde JK teria ido?

Bom, aí os fatos históricos continuaram. O Castelo Branco fechou os partidos, anulou as eleições. Mas, se o processo eleitoral continuasse, se o calendário eleitoral tivesse continuado, como o próprio Castelo prometeu a Juscelino, JK voltaria tranquilamente à presidência em 1965.

E o que ele teria feito nesse novo mandato?

Ele se culpava muito de não ter dado à agricultura uma prioridade grande. Ele deu mais importância à indústria e às estradas, ao desenvolvimento em geral. Ele tinha um plano organizado, já em fase de acabamento, para fazer na agricultura a mesma revolução que fez na parte industrial.